

6. Giro 00 – os motins antropofágicos ainda são possíveis no mundo do kapital canibal?

Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaço-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos (Gilles Deleuze).

6.1. Mote & amotinação

Neste giro o leitor perceberá a mudança de tom e, em parte, de registro, inclusive com a alteração da numeração dos próprios giros. Isto é proposital levando a espiral-tese para o campo mais específico da intervenção política. Frente a inúmeras inquietações que in(ex)surgiram durante a investigação da tese senti-me impelido a agir, a buscar meus motins antropofágicos usando a literatura e, mais especificamente, a tese, como ação insurrecional. Desse modo, entro nas ondulações de “nossos *antropófagos*”¹²¹.

A Europa leva armas e munições para a África, Ásia e Abya-Yala que, por sua vez, retribuem tal gesto benevolente com frutas, carne, legumes, sensualidade, verduras, suor, mão de obra ultra-barata. As charmosas cidades euro-norte-americanas têm o problema da imigração e do trabalho ilegais, dos motins nas periferias, mas nada como o impacto de medidas anti-imigração ou a repressão policial para resolver esses probleminhas. O importante é continuar nutrindo-se saudavelmente – de preferência com filé de *perche du Nilo*¹²² –, comendo as putas exóticas, negras, índias, caboclas ou as kama sutrianas asiáticas, nos bordéis tropicais.

Com relação ao conhecimento e à tecnologia dos povos não ocidentais é possível atribuir-lhes o *status* ontológico e epistêmico? Como ordenar no disciplinado pensamento ocidental as gnosologias dos candomblés, das santerias e dos vodus espalhadas pelas plagas tropicais? Eles se comunicam com árvores, pedras, nuvens, chuvas, trovões e consideram os objetos, os animais, as plantas os

¹²¹ Cf. epígrafe de Benedito Nunes no fragemento: “antropófagos”.

¹²² Peixe “produzido” na Tanzânia e o principal produto de exportação desse país para a Comunidade Européia. Cf. o filme de Hubert Sauper: “O Pesadelo de Darwin”.

espíritos como seres e possíveis sujeitos do conhecimento. Como se comunicar com eles, consultar sua sabedoria, com seu axé – essa força cósmica que anima o mundo? É importante, cismando sobre a vida, vermos com olhos livres o conhecimento lateral – o absurdo cósmico – afirmando-se desde seu lugar – desobediente – de enunciação. Outro espaço-tempo que tensiona a estreiteza da modernidade / colonialidade ocidental. O mundo molecular que nos rodeia está desperto, vivo e mantemos, mesmo sem saber, uma relação afetiva, perceptiva e conceitual com a natureza-cultura no espaço liso e contínuo, por mais que, às vezes, o Estado, a doxa e as máquinas de guerra do CMI (Capitalismo Mundial Integrado) estriem esse espaço.

Ao mesmo tempo, é preciso estar atento para as máquinas desejanças do kapital em sua versão global. Elas descobriram que o ciberespaço é o lugar privilegiado por onde o capital flui com mais facilidade. As imagens, as idéias, o patrimônio circulam e impulsionam o fluxo de capitais por entre as redes virtuais e imateriais. Por onde passa, o kapital estatal ou empresarial **estria** o espaço, territorializa algumas empresas e bancos nômades de dinâmica contínua, **lisa**, impedindo-os de seguir o curso do *phylum* financeiro. Em toda parte gera novos sujeitos, dóceis e úteis, para o Capitalismo Mundial Integrado e o pior é que a aliança do Estado com o nomadismo financeiro captura as potências minoritárias, como movimento gay, negro, indígena, feminista, punk, hippie; em suma, movimentos que outrora foram de resistência e crítica ao CMI se transformam, hoje, em produtos imateriais e materiais prontos para serem devorados, para devorar e por onde circula o capital, seu lucro e mais valia ilimitados. A luta de classes não cessa, está mais disfarçada, camuflada, mas está aí e ainda é o motor das relações sociais.

6.2.

Motins de caboclos – desobediência epistêmica insurgente

À globalização epistêmica se responde com a desobediência epistêmica e ela leva a outra opção de pensamento e de ação que é a opção descolonial. Opção em relação a que? Por um lado, aos grandes meta-relatos imperiais e, por outro, às formações disciplinares (Walter Dignolo).

6.2.1.

A opção descolonial como desobediência epistêmica

É possível ou mesmo desejável explicar ou decifrar o mundo dos caboclos? Analisar ou interpretar o cosmos movimentado pela força mágica do axé? A tradição da modernidade / colonialidade analisou os sonhos, a vida, os delírios e os transe através da psicanálise, da medicina, da sociologia, da filosofia e da ciência. Criou conceitos e abstrações através do pensamento racional – o *logos*. Porém, fica a questão: como os conceitos fabricados pela filosofia ocidental afetaram e afetam o mundo concreto-sensorial dos caboclos? Ou, noutras palavras, como a razão se relaciona com o corpo e o espírito?

Sugiro outra relação entre razão e corpo-espírito, pautada não na descontinuidade entre ambos e sim na continuidade do espaço-tempo. Reitero a simetria entre mente e corpo, entre natureza e cultura¹²³ para afirmar uma relação entre sujeitos e não uma relação desigual e hierárquica entre sujeito e objetos. Para isto, seguimos a opção descolonial de Walter Mignolo, em que os caboclos, através de sua epistemologia, esgarçam a teoria do conhecimento da modernidade / colonialidade. Desenvolvem um “pensamento fronteiriço”, onde a desobediência epistêmica, além da civil, possam e devam ser produzidas. Esse pensamento segue uma lógica menos uni-versal e mais pluri-versal¹²⁴. Os caboclos, bem como os intelectuais ameríndios, do candomblé, da capoeira, da África e da Ásia, com seus modos característicos de saber e viver e sem a mediação do intelectual canônico e eurocêntrico, enunciam – o que já é desobedecer – seu pensamento. Além disso, recorro à filosofia afetiva e perceptiva de Deleuze e Guattari em sua fabricação permanente de conceitos.

A opção descolonial como ação desobediente é uma reviravolta no pensamento canônico. “Descolonial significa pensar a partir de exterioridades e de uma posição epistêmica subalterna *vis à vis* à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade” (Mignolo, 2008: 304). A desobediência descolonial trabalha com outros pontos de vista. Marginalizados e excluídos a partir de suas línguas e seus conceitos periféricos, “não incluídos nos fundamentos dos pensamentos ocidentais” (p. 305) são os

¹²³ Cf. Latour, 1994.

¹²⁴ Cf. Mignolo, 2008.

sujeitos do conhecimento e não mais os objetos a serem conhecidos. Assim, torna-se importante considerar os supostos objetos de conhecimento como *sujeitos políticos*, que fabricam expressões singulares de sua cultura e não pensar como encaixar e fixar essas filosofias dentro das classificações formais da teoria do conhecimento eurocêntrica. Esses outros sujeitos do conhecimento se conhecem e se dizem por si próprios e da maneira que lhes convém.

A desobediência epistêmica, através do “pensamento fronteiriço”, permite que diferentes perspectivas se encontrem e se contaminem, criando, assim, outro espaço-tempo sem hierarquizações pré-estabelecidas; um ambiente habitado por híbridos e subjetividades páticas e parciais em afetação e choque permanentes. Uma vez que aceitamos essa perspectiva transversal, desejante e sempre parcial, podemos pensar uma transformação teórico-metodológico-pedagógica da arte e das ditas humanidades. Um novo espaço de interação-aglomeração da diferentes epistemologias – ou gnosiologias – e práticas artísticas, que escapem ao rigor disciplinar e controlador dos saberes e fazeres canônicos da universidade e da arte, a começar pelo espaço tradicional da sala de aula, dos museus, teatros, cinemas e livrarias.

Hoje, proliferam os mais variados ambientes, atitudes, motins e performances da arte-pensamento. Vide o exemplo da *Amawtay Wasi* (Universidade Intercultural das Nacionalidades e Povos Indígenas), da experiência do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), nos Chiapas e da proliferação das umbandas, catimbós, juremas e candomblés pelo Brasil afora. A comunicação e o conhecimento construído nesses ambientes ocorrem através de subjetividades e sociabilidades páticas e comunais. Já não precisamos recorrer – sujeitar-nos – às categorias gregas do pensamento. Re-inscrevemos com a desobediência epistêmica outras categorias de organização comunal, como é o caso dos *ayllus*, entre os Aymara. É válido destacar que não proponho substituir um conhecimento pelo outro nem considerar um em detrimento do outro. Trata-se, ao contrário, de articular a coexistência entre as diferentes gnosiologias não-ocidentais e a epistemologia ocidental.

No caso dos *ayllus* brasileiros, os caboclos escolheram, dentre outras formas, a capoeira e o candomblé, em especial através do conceito central de axé. São os herdeiros do “renascimento” que nomeiam os índios como índios. Para um caboclo ou um *iyadó*, eles são caboclos – como o Pena Branca ou o Beira-Mar – ou

iyas com *orikis*¹²⁵. Os caboclos e os *iyas* mantêm uma relação afetiva, perceptiva e conceitual através de agenciamentos coletivos com os caboclos, os orixás. Estes agenciamentos coletivos estão pautados nas subjetividades e sociabilidades parciais e páticas. São potentes quando devêm minoria, enquanto potência minoritária traçando suas linhas de fuga – “uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo” (Deleuze, 1992: 214). É preciso estar atento às políticas de captura do Estado, da *doxa*, das ONG’s e das empresas globais para manter-se menor, nômade e em fuga. Sem o idealismo ou purismo que caracterizou e ainda caracteriza uma parte da esquerda. O movimento é de contaminação transversal, ora deixando-se capturar, ora resistindo e escapando. Em todos os casos, há uma negociação – colisão – entre o menor, molecular, nômade, ativo e o maior, molar, sedentário, passivo. O mais importante é militar nos poderes constituintes, formulando jurisprudências.

6.2.2. O complô dos insurgentes

Seguindo a desterritorialização dos agenciamentos conservadores e estabilizantes na busca de subjetividades páticas, chegamos entre os capoeiristas, caboclos e Orixás. Pensamos, aqui, transversalmente ao som que vibra no toque dos atabaques, da dança, dos ritmos, da ayahuasca, do berimbau e do transe. Vemos insurgir relações ou apropriações entre diferentes “platôs de intensidade” (Deleuze & Guattari, 1997a) sem hierarquias entre si. A força motivadora é o axé, energia dissipadora e aglutinadora que possibilita a coexistência dos saberes diferenciados e por vezes controversos.

A relação com os caboclos ocorre através do transe, das relações transversais de incorporação-aglomeração – antropofágicas – de outras subjetividades, de outros “platôs de intensidade”. É outro modo de saber, desde já desobediente e ativo, seguindo outra ontologia e outra episteme. O caboclo, no transe, habita provisoriamente nossos corpos. Somos já caboclo, já outro, sendo

¹²⁵ Nome recebido pelo neófito quando iniciado no candomblé.

afetados e afetando como outro, ao mesmo tempo em que não deixamos de estar num corpo. O caboclo canta, fala, gesticula, cura e conhece. Um devir-caboclo.

O transe dos caboclos integra a mesma onda do complô, da conjura, do ilegal, dos esconderijos ou abrigos provisórios de onde se cria um motim artístico-político, sempre provisório e evanescente. Os caboclos são os índios e os negros que resistiram através de seus conhecimentos e suas máquinas de guerra. Um acontecimento e não uma produção territorializada na moral e na substância essencializante.

O complô desterritorializa as epistemologias, abre as brechas para outros modos de saber e de troca gnosiológica. O conhecimento dos caboclos precisa ser acessado – ativado – através do toque dos atabaques, da sensação, do canto, e da dança. “O canto agencia uma casa” (Deleuze & Guattari, 1998: 143). O canto como “zona autônoma temporária” (TAZ), como *ritornello*, age na coexistência entre o *logos* e o *pathos*, entre as ciências régias e nômades, entre a ciência racional e o axé. O ritmo é um “entre meios” que não está em parte alguma. Quando incorporados-aglomerados-devorados os caboclos pitam seus charutos, dão suas baforadas e tomam seus tragos de cachaça, matutando e cismando sobre a vida. Esse é o ritmo, a cadência dos caboclos, seu modo de conhecer e curar o mundo. As zonas autônomas temporárias criadas nos transes-complôs dos caboclos não são revolucionárias e sim insurrecionais e são já uma desobediência epistêmica. O único perigo é perder a potência menor que precisa consecutivamente ser reafirmada. A fronteira é a marca da desobediência epistêmica que se coloca no limiar das regras de enunciação. Chegamos por aí, por entre os transes-complôs, nas entrelinhas dos agenciamentos afetando e subvertendo a ordem formal.

6.3. Fronteiras, anômalos & inversões inventivas

Sou de onde penso (Walter Mignolo).

Seguindo os rastros de Rodolfo Kusch, argentino e descendente de alemães, que formulou a inversão epistemológica da famosa frase de René Descartes – “penso, logo existo” –, “existo, logo penso”, Walter Mignolo se situa

na subalternidade, no pensamento fronteiriço entre a inevitável imposição imperial e a desobediência epistêmica. Desse modo, Mignolo ativa uma outra “geopolítica”, possibilitando linhas de fuga à marca classificatória da geografia imperial e criando uma “corpo-política”, onde corpos e línguas que escapam à epistemologia imperial e central podem se enunciar. A América Latina dentro da lógica da modernidade / colonialidade são “subúrbios simbólicos e políticos da exemplar modernidade e pós-modernidade do 1º. mundo”. Como estratégia inventiva e invertida para a América Latina, Eduardo Subirats propõe “revelá-la como o maravilhoso centro do centro” (p. 134).

As fronteiras são lugares e tempos de trocas, de intercâmbios, de controversias, de “tráficos legais e ilegais de mercadorias, seres humanos e símbolos” (p.134). Por todo o território de Abya-Yala proliferam as cores maravilhosas, a profusão de encantados e da encantaria, disseminam-se encontros entre símbolos, mitos e ritos de culturas milenares afro-indígenas e os fetiches das (pós)modernas mitologias européias vinculadas, atualmente, à cultura globalizada, fragmentada e massificada. Abundam bárbaros tecnicizados num jogo de coexistências, conflitos, rearranjos e enfrentamentos à biopolítica das sociedades de controle e resistência às máquinas de guerra do kapital – as corporações – e seus infundáveis produtos consumíveis. Afinal de contas, tudo é vendável, tudo é produto.

Um lugar privilegiado para observar essa miscelânea são os mercados populares espalhados por Abya-Yala. Penso na cidade boliviana de Villazón que faz fronteira com a cidade argentina de La Quiaca. No Rio de Janeiro, salta à memória imediatamente o mercadão de Madureira. Este último é espaço de legitimação das religiões afro-indígenas brasileiras. Ponto de troca e consumo das incontáveis casas de santo. É ali que a fama das casas, das mães e pais de santo e dos próprios Orixás, Inquices e encantados é construída e justificada. O mercadão de Madureira compõe uma complexa rede de relações comerciais, sociais, culturais e políticas. Os comerciantes mesmo que não sejam praticantes acabam por conhecer os utensílios e material necessários para cada ritual. Certa vez, fui ao mercadão para comprar uma parafernália de objetos para uma feitura de Xangô. A dona da loja era uma senhora portuguesa há mais de 30 anos instalada ali. Bastou que eu dissesse o motivo da minha visita que a senhora foi-se adiantando e trouxe

tudo que eu queria antes mesmo que eu terminasse de pedir, inclusive ela me corrigiu em alguns detalhes.

O candomblé e a umbanda, ainda que hoje possamos encontrar muita coisa escrita, possuem uma tradição majoritariamente oral. Não há um bispado, uma tábua de leis e mandamentos grafados e reunidos em livros sagrados como os que regulam e legitimam as três grandes religiões monoteístas do mundo: o islamismo, o judaísmo e o cristianismo. O candomblé e a umbanda se legitimam na tradição e nos mercados, espaço consagrado a Exu – o orixá das fronteiras, do limiar, da comunicação e da sexualidade.

Villazón, onde estive em junho de 2008, é uma cidade caótica e empobrecida como toda a Bolívia. A cidade é um grande mercado popular que espalha suas cores e rendas da cultura andina pelas ruas. No lado boliviano da fronteira havia uma fila enorme de bolivianos tentando entrar na Argentina¹²⁶. O movimento é constante em Villazón e muitos europeus entram na Bolívia por esta, depois de passarem pelo norte argentino por lugares como o deserto de sal, pelo *cierro de los 7 colores*, por Pumamarca, pela quebrada de Humauaca entre outras belas cidades. Em Villazón vende-se de tudo com destaque para a tapeçaria e os panos multicoloridos com bordado andino. É, ao mesmo tempo, um lugar traiçoeiro como qualquer cidade de fronteira. Depois das 22 horas tem uma espécie de “toque de recolher”. Segundo o dono do hotel e o policial, ninguém, nem mesmo eles próprios, perambula pela rua.

Ambos, o mercadão de Madureira e Villazón, comportam por entre seus mistérios e encantos mercadorias legais e ilegais, sagradas e profanas em uma negociação incessante e artilosa. Estão em conflito – convivendo – dois modos de operação de máquinas de guerra distintas: a racionalidade privada, produtiva, canibal das corporações do capitalismo e o saque pirata das encorporações-aglomerações-devorações das gnosiologias afro-indígenas. Um confronto desigual de forças onde vale o velho ditado: mais vale a manha que a força.

¹²⁶ Os bolivianos escolhem a Argentina e o Brasil como lugares de destino para sua imigração, uma vez que o peso argentino e, principalmente, o real brasileiro são moedas bem mais fortes que o peso boliviano. Portanto, os bolivianos vão para esses países para trabalharem e retornarem à Bolívia em melhores condições. Outro destino mais óbvio é a Europa e o EUA. É a mesma lógica e o Brasil opera, em muitos casos, no que tange a sua relação com Abya-Yala, como Ruy Mauro Marini tão bem definiu, através de uma política “subimperialista” (cf. Mariani, 1974) em que reproduz a lógica de exploração econômica e política dos EUA. Hoje em dia, se o kapital e o poder já não estão mais nas mãos de um Estado-Nação, a exploração não cessou e passou às várias mãos que controlam as grandes corporações e o kapital financeiro.

É preciso desobedecer e negociar, afinal estamos no limiar, na fronteira e, por isso, faz-se necessária a aliança com os anômalos dos bandos, os xamãs da tribo transitando pelo cosmos. Somente assim, o pensamento fronteiro e a opção descolonial podem enunciar outras existências, outros modos de saber, outras geografias e histórias. Ativar uma existência fronteira que “é a fronteira do Outro: do europeu, da teologia e da lógica da colonização, dos discursos redencionistas da conversão universal ou do progresso global e sustentável. Fronteira, limite e negação do próprio conceito de modernidade” (Subirats, 2001: 135). Em suma, outras subjetividades, sempre parciais e por vir, que escapem aos grandes meta-relatos imperiais e às formações disciplinares, formais e biopolíticas.

6.4.

As máquinas de guerra antropofágicas – a vitória e a derrota de Oswald

É bom, desde logo, o que aumenta ou favorece nossa potência de ação, e mau o que a diminui ou a impede (Gilles Deleuze).

A antropofagia estaria menos próxima ao *logos* e mais próxima ao *pathos* através de um conhecimento que articula o *xirê* e o gabinete. Como já mencionei antes o modo de operação da antropofagia é o das máquinas de guerra, discutidas por Deleuze e Guattari. Operam como as ciências nômades através da incorporação-aglomeração-devoração de saberes e de vidas. Em oposição temos as ciências régias, disciplinares, formais e ligadas ao Estado. O que se percebe hoje é que as máquinas de guerra superaram os Estados. Se antes os Estados cooptaram as máquinas de guerra que lhes escapavam, na contemporaneidade temos as máquinas de guerra senão controlando, pelo menos deslocando os Estados. Reforço que as máquinas de guerra são, por um lado, os bandos, as guerrilhas, os motins de caboclos, os *maroons*, os quilombos, os discípulos de Mackandal, Zumbi, Amílcar Cabral, Atahualpa, Gandhi e, por outro lado, as mega corporações que controlam o mercado financeiro e o kapital global.

Aí reside a “alternativa infernal”¹²⁷, isto é, a situação sobre a qual só se pode dizer: sou contra isso, mas não tem outro jeito. Ou desemboca conjuntamente na derrota e na vitória de Oswald. A antropofagia como amotinação, insurreição, resistência e opção descolonial convive e se confronta com o canibalismo das corporações e das políticas – corporativas – dos Estados. Tudo é devorado, tudo é vendável e tudo é consumível. O capitalista é capaz de vender a corda que o enforcará caso vá lucrar com isso. Existe, hoje, uma profusão de filmes, imagens e informações alternativas circulando e também patrocinadas. As corporações lucram com seus produtos e com os produtos que lhe tecem críticas.

Uma antropofagia menor e amotinada segue o fluxo dos primeiros antropófagos que “adoravam os deuses dos missionários para devorá-los e gozá-los, para digeri-los e incorporá-los. Os antropófagos modernos devoram os mitos da modernidade e da pós-modernidade para transfigurá-los num projeto humanizado de conhecimento e poder tecnológico” (Subirats, 2001: 140). Poderíamos dizer ainda que as máquinas de guerra, de um lado, são as mega corporações que se espriam pelo mundo encorporando-devorando-aglomerando tudo e todos ao transformá-los em mercadoria vendável e, de outro lado, são máquinas de guerra antiautoritárias e resistentes a esse kapital global.

É seguindo esse fluxo maquínico que suscitamos acontecimentos que façam germinar relações transversais entre heterogêneos. Além das relações horizontais e verticais há as transversais quando colocamos em conexão coisas que não possuem relação¹²⁸. Nesse sentido o momento não é de avaliar se acontecimentos como as ocupações do MST, os *ayllus* bolivianos, as recentes manifestações de Copenhagen no “Fórum Ecológico”, as iniciativas do EZLN são bons ou ruins ou se acumulam condições materiais e quantitativas para o salto qualitativo revolucionário. E, sim, de aprender com esses e tantos outros acontecimentos. Observar onde e em que funcionam e onde e em que não funcionam, rastrear as potências de ação desta ou daquela experiência e perceber com o que funcionam. Em suma, entender e ativar as relações transversais e as justaposições possíveis.

¹²⁷ Cf. Stengers e Pignarre, 2007.

¹²⁸ Cf. Guattari, 1999. Ou a nota 105 (p. 100) da presente tese.

6.5. Dádiva x dom gratuito (anarquia x capitalismo) – disparando relações

O comércio e a negociação, embora indispensáveis para a sobrevivência dos coletivos humanos, varia de lugar a lugar. A transação indígena é para a vida toda, ao passo que entre os brancos tem início, meio e fim. Interessa menos ao índio o dinheiro ou um objeto de valor e mais a relação criada, ao passo que para a tradição ocidental o dinheiro e a mercadoria são a alma do negócio. A relação, interminável, diga-se de passagem, estabelecida pelos índios é a **dádiva**. Uma dádiva sem fim, aberta, em disparada¹²⁹ que só se encerra com a violência, o outro lado da lógica da dádiva. Viveiros de Castro opõe a dádiva ao dom gratuito, impagável, oriundo de um poder absoluto que pede tudo em troca – “o pagamento é infinito” (Viveiros de Castro, 2008: 178).

De um lado, a dádiva, onde a relação é o motor do encontro e, de outro lado, a troca de bens materiais ou financeiros no coração do encontro. Ninguém se entende. O que está em questão, aqui, é como vemos o outro. Aquilo que trazemos conosco sobre nós mesmos acaba ditando nosso ponto de vista sobre o outro. Comparamos e definimos alteridades segundo nossos hábitos ou “uma forma constante a partir de uma matéria variável” (Gordon, 2006). O modelo *cômpar* rege nossas encontravérsias e tem como terceiro elemento da relação um plano de transcendência sob a forma da: “cultura”, da “propriedade privada”, da “economia”. O problema aí é que na relação entre “nós” e “eles” o “termo de transcendência [...] provém de um dos termos correlacionados (‘nós’) no plano de imanência” (idem). A cultura, bem como a propriedade privada e a economia, funcionam aqui como termo universal, ou dito de outra forma, o relativismo, a propriedade privada da antropologia convencional, mantém um terceiro termo universal e transcendente que regula as encontravérsias entre “nós” e “eles” ou entre o “antropólogo” e os “nativos”.

¹²⁹ “Disparar” aqui é um termo usado no sentido da oposição matutada por Deleuze e Guattari (1997) ente *cômpar* e *díspar*, ou seja, entre o modelo *cômpar*, comparativo, das ciências régias, sedentárias do Estado e o modelo *díspar*, em disparada, das ciências nômade. “O *cômpar* baseia-se na tentativa de extrair constantes a partir de variáveis: uma forma constante de uma matéria variável. Trata-se de uma ciência do Estado. Já o modelo *díspar* aponta para uma ciência nômade, e trabalha mais com o par material-forças do que com o par matéria-forma. Aqui, trata-se de colocar as próprias variáveis em estado de variação contínua” (Gordon, 2006).

Estamos diante de uma questão seríssima e central para a fundação e a manutenção da lógica da modernidade / colonialidade, do capitalismo e do pós-modernismo global, onde as máquinas de guerra corporativas através de seus mono ou oligopólios da produção alimentícia, energética, cultural, da saúde (e da doença), em suma, da produção dos processos de individuação e socialização – da vida em geral –, regem e legitimam o mundo tal como se apresenta. Sem floreios poderíamos dizer que a troca capitalista valida a propriedade privada – “a propriedade privada é um saque, é um roubo” (Viveiros de Castro, 2008: 180) – e, com isso, saqueia os outros modos de operação, as outras epistememes e ontologias ao compará-las usando como moeda de troca um terceiro termo universal, cuja propriedade é das ciências régias controladas pelo Estado ou daquelas corporações que as financiam. E, atualmente, quem paga leva. Às gnosiologias não-ocidentais, orientadas pelo dispêndio e pela dádiva, resta o prefixo “etno”.

Em suma, todos são iguais no relativismo e na democracia, porém alguns são mais iguais que outros. Alguns têm o dom legítimo do saque, a propriedade intelectual dos termos da comparação ao passo que outros são etno-saqueados e permanecem sagrados, museificados e patrimonializados com suas etno-ciências. Estão em choque duas modulações: a anarquia contra capitalismo: “a anarquia é um regime em que o saque é controlado pela dádiva, enquanto no novo modelo é o contrário, a dádiva é controlada pelo saque. Se seguirmos definições mais correntes do capitalismo, ele é baseado no saque, na extração, que é a palavra usada, da mais-valia da força de trabalho” (p. 180). Como contraponto faz-se necessário disparar variáveis, diferenças, dispêndios e dádivas sem que estes percam o controle para o dom gratuito do saque.

“Disparar antropologias” é a proposta de Flávio Gordon, dispersando e contaminando-se com as antropologias de Roy Wagner, Marilyn Strathern e Eduardo Viveiros de Castro. “Colocar variáveis em estado de variação contínua. Só compara quem desconfia ou duvida da relação (o solipsista); quem acredita na relação, ao contrário, dispara (o antropófago). Num caso, o conceito é utilizado como *aparelho de Estado* [...]. No outro caso – ao qual optamos – o conceito é pensado como *máquina de guerra*” (Gordon, 2006). Disparar variáveis escapando das capturas do Estado e das máquinas de guerra corporativas que canibalizam e transformam em produto vendável tudo o que encontram pela frente. As máquinas de guerra nômades e menores, os bandos, bandidos e guerrilheiros devem ser

ativados. São nossos intercessores: “trata-se de fazer chocarem os conceitos, de imaginá-los vibrando num mesmo plano de imanência, sem garantia de sua cristalização em alguma forma de Logos” (idem).

6.6.

As vozes-corpos marginais e as lições de um turista aprendiz

Los deseos de esta sociedad no se pueden representar.

Corte.

Descontinuidade. Violência. Passar cruzando por entre os variados lugares de enunciação. Um embaralhamento. Desse modo, muitos outros chegam, vêm criando esconderijos, provisoriamente; aninhando-se. Quem são os excluídos hoje em dia? Houve nesse século uma profusão de vozes excluídas enunciando seus espaço-tempos. No cinema, com “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, “Falcão, meninos do tráfico”, de MV Bill ou na série de televisão “Cidade dos Homens”, criada por Katia Lund e pelo mesmo Fernando Meirelles; e na literatura com *Capão Pecado*, de Ferrez, com *Cidade de Deus*, de Paulo Lins e com *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire. E muitos outros. E é o que mais vende – a espetacularização da violência, da periferia e da marginalidade. Tudo é vendável e comprável. Produtos efêmeros, evanescentes, fetichizados e descartáveis. O pobre continua vendendo para o rico e alguns pobres viram exemplos ricos da ilusão do alpinismo sócio-racial.

Se antes o samba e o candomblé eram caso de polícia hoje são folclore e patrimônio cultural através do controle da biopolítica – quanto mais dócil e útil melhor. Alguns podem patrimonializar e alguns transmutam-se em patrimônios. O que é o mesmo que dizer que alguns possuem o dom gratuito de definir o que é e o que não é produto, propriedade, e objeto fetichizado e consumível. Os saques conceituais, culturais, sociais e econômicos são intensificados sob a égide da democracia, do multiculturalismo e do poder global e biopolítico. Os novos códigos e suportes reforçam a espetacularização do consumo e recriam muitos Pixotes e tantos outros Zé Pequenos, Ferrez, Paulo Lins e por aí vai. Potências de venda assim como o tênis Nike, a mão de obra barata nos países asiáticos,

africanos e latino-americanos, como a bolsa de couro da Louis Vitton, cujo couro fora comprado por um preço ínfimo de algum camponês indiano que vende seu animal sagrado para poder comer e sobreviver junto a sua família. *Los deseos o la forma no se pueden representar* – esta frase, escutada numa palestra da LASA¹³⁰, não sai da minha cabeça.

Falar pelos marginais ou deixar que falem, nesse caso, é a mesma coisa. Não importa se criticam os poderes globais, o império ou o Estado, o que interessa é a canibalização de tudo para tudo ser vendido. A solução é alugar o Brasil: “Nós não vamo pagá nada. Nós não vamo pagá nada. É tudo free! Tá na hora agora é free, vamos embora dá lugar pros gringo entrar. Pois esse imóvel está prá alugar. Os estrangeiros eu sei que eles vão gostar. Tem o Atlântico, tem vista pro mar. A Amazônia é o jardim do quintal. E o dólar dele paga o nosso mingau”¹³¹.

Mário de Andrade foi e é turista aprendiz, duvidando e acreditando sem rodeios, não se deslocou de sua posição de intelectual de gabinete paulistano ao permanecer incrédulo com os mestres do catimbó que tentavam em vão fechar o seu corpo. Foi preciso Mestre Carlos, “o que aprendeu sem se ensinar”, baixar para conseguir fechar-lhe o corpo e fazê-lo crer.

Na última sexta-feira do ano, 28 de dezembro de 1927, em Natal-RN, Mário de Andrade foi ao catimbó de dona Plastina, “lá no fundo dum bairro pobre, sem iluminação, sem bonde, branquejado pelo areão das dunas” (Andrade, M., 1976: 250-1). Foi desconfiado como um turista branco, paulista e pensador de dentro do escritório e como aprendiz de feiticeiro, entregue e aberto às variáveis e aos acontecimentos inexplicáveis e repleto de supertições: “hoje, última sexta-feira do ano, apesar do dia ser par, era muito propício pra coisas de feitiçaria” (p. 250). E lá foi o nosso escritor, feito personagem, às controversias entre a cultura letrada paulistana e a cultura popular afro-indígena. Um bárbaro tecnicizado com o corpo fechado. “Mestre Carlos, o ‘flor da noite’, rei Iaiá e rei Nanã, o ‘que aprendeu sem se ensinar’, esse, com seus 12 anos desmaterializados, pernambucano, filho de amazonense, esse, safadinho e brincador, único mestre que é permitido rir nas sessões, Mestre Carlos é que protege pra todas as horas de todos os dias o brasileiro que vos escreve” (p. 252).

¹³⁰ Participei como ouvinte do XXVIII Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), realizado entre os dias 11 e 14 de junho de 2009, na PUC-Rio.

¹³¹ “Aluga-se”, composição de Raul Seixas e Cláudio Roberto, do álbum *Abre-te Sésamo*, de 1980.

Seguindo as ondulações de Mestre Carlos-Mário de Andrade chegamos entre as ondas do pensamento fronteiro. Tornamo-nos nômades, xamãs em transe(ito) por entre as dimensões e as intencionalidades humanas e extra-humanas. Criando abrigos, tendas e esconderijos provisórios que são torções da *doxa*, ativando ou disparando subjetividades, sociabilidades e encontravérsias.

6.7. Zonas obscuras - antiecológicas

Já nascemos dentro do Estado e capturados por ele e por suas alianças espúrias com as máquinas de guerra corporativas. Ambos manejam suas intervenções através de poderosas máquinas desejanças, vendendo, criando ícones e personalidades que modelam e adequam nossas subjetividades e sociabilidades. É preciso ser genial, estiloso e bonito nas formalizações do mundo contemporâneo. Há tantos estilos quantos desejos de tal. Convivemos, contudo, com uma dimensão muda, in-fante e informe. Um silêncio antes da palavra, uma dádiva que saqueia e surpreende nossos códigos lingüísticos. Informes diante das formas normativas e gramaticais. As entrelinhas do encontro do turista aprendiz com o catimbó de Dona Plastina.

No âmbito da literatura – e os novos suportes tecnológicos facilitam esse movimento – discute-se o hipertexto, um livro que se abre em várias direções e é debatido e escrito a muitas mãos. As marcas autorais da egologia são esgarçadas, uma vez que são contaminadas pela autoridade dos textos de outros. “À medida em que as inserções dentro de inserções e os comentários sobre comentários se entrelaçem e sobreponham, as marcas autorais se tornariam incômodas e deveriam ir-se apagando. Em outras palavras, aspiramos a uma ‘antropologia incognitiva’, ao devir-incógnito como método de superjetivação. Identidade para quem precisa de identidade” (Viveiros de Castro, 2008: 195).

O que está em jogo são as linhas de fuga da egologia, do gênio que se apropriou de Genius. Correndo em paralelo aos processos de individuação há uma

mudez ou uma “zona obscura” de indiscernabilidade¹³² que garante o improvável, a impermanência, o transtorno e o escândalo. “Resta que, se nem toda energia potencial é esgotada no processo de individuação, algo de pré-individual permanece no interior mesmo das entidades individuais” (Gordon, 2006). No hipertexto e no caso de Viveiros de Castro, ele se refere ao *wiki* do Núcleo de Antropologia Simétrica (NAnSi) na *internet*. Aí há uma contaminação da lógica egológica que dispara o suporte do livro impresso e encerrado em seus limites de encadernação e identificado na lombada e na capa com o nome do autor. “Tal é, então, o meta-estrato anti-egológico do AmaZone: conexões jubilosas dispostas transversalmente no intervalo entreparalelas – linhas que não convergem nem divergem – antes que a pesante ortogonalidade das sublimações antagônicas” (Viveiros de Castro, 2008: 195).

6.8.

O apogeu de todas as contradições, mas ainda restam motins e sublevações

Já não posso fazer a revolução então vou comprar um BMW, um tênis da Nike ou um Macintosh. Essa parece ser a “alternativa infernal” da contemporânea, ou seja, meu desejo é rebelar-me mas **não tem jeito** então busco qualquer emprego. Convivemos com as contradições na pós-modernidade e se não há mais a ruptura infra e super estrutural das revoluções modernas, há a possibilidade de devires revolucionários, *uprisings*, zonas autônomas temporárias, motins e insurreições. Como investigar, refletir e debater sem assumir o ponto de vista do Estado ou das máquinas corporativas? Ou mais precisamente, o que significa hoje em dia colocar questões e problemas fora do poder? O que é estar fora ou dentro do poder? É possível viver como anômalo na borda continuamente em fuga sem ser capturado?

Um das grandes contribuições do pensamento de Deleuze e Guattari é a percepção de que é nas máquinas desejanças, no mundo imaterial, que o fluxo de capital desliza com mais facilidade. Seguindo Nietzsche e a crítica da

¹³² O conceito é de Gilbert Simondon, apud Gordon, 2006.

representação e da mimesis, Deleuze e Guattari produzem acontecimentos através dos desejos e das máquinas desejantes. O CMI caça imagens, idéias, símbolos, produtos, desejos e bens para gerar novos sujeitos e identidades – de preferência multiculturais e diversas – para o capitalismo prosperar. As minorias foram cooptadas e transformadas em *targets* das grandes corporações e das políticas do Estado, com produtos especializados, secretarias públicas da diversidade racial, cultural e de gênero, premiações da Petrobrás, da Oi e da Rede Globo para projetos sócio-culturais em comunidades carentes e por aí vai. A fuga e a captura estão intimamente ligadas e a alternativa infernal prossegue com sua lógica subversiva e conservadora do jogo da aliança entre Estado e as mega-corporações do kapital global. Ressoa a premissa no Comitê Invisível¹³³: pagaram nossos pais para destruir o planeta e agora nos pagam para reconstruí-lo.

Kapital, diga-se de passagem, que se tornou sustentável e aterrorizado. Uma profusão de iniciativas ecológicas ansiosas em salvar o planeta e toda a civilização ocidental. O terror se espalha desde a queda das torres gêmeas, brota em todas as partes o que só aumenta o pânico das pessoas. Daí emergem todos os tipos de teoria da conspiração e alucinação. Há um aumento do desespero e da sensação de insegurança o que só desperta atitudes de pessoas querendo ser “chipadas”, vigiadas, monitoradas 24 horas por dia para se sentirem mais seguras.

Na cultura não é diferente. A política de registro do patrimônio imaterial e de tombamento do patrimônio material parece não dar conta. Aqui a alternativa também é infernal, pois se, por um lado, a patrimonialização assegura investimentos e a sobrevivência de manifestações culturais e modos de vida, por outro lado, registra ou tomba garantindo uma identidade de algo que está em movimento, que possui uma dinâmica e uma experiência próprias. Ademais, o que patrimonializar e o que não patrimonializar? Quais os jogos de interesse por trás da política do registro e do tombamento? Em alguns casos, expressões populares operam outras epistemes, outras ontologias e outras éticas que funcionam como resistência ao modelo civilizatório ocidental. Carregam uma potência de ação insurgente e uma alternativa; quando tombadas, registradas ou transformadas em símbolo nacional são domesticadas e passam a operar dentro da lógica do CMI.

¹³³ Coletivo clandestino e anônimo francês que escreveu o livro *A insurreição que vem* que analisa a sociedade francesa e o capitalismo global hoje em dia. Apresenta propostas radicais de intervenções e sabotagens viáveis, quase como um manual prático de motins. Ademais, investiga com muita clareza o cenário contemporâneo.

As políticas de patrimonialização conseguem transformar um modo de vida tradicional em mercadoria. O capitalismo vende aparência e existência, extraindo mais valia das formas de existência.

O Brasil atualmente é “folclore e energia” nos rastros do modelo norte-americano que transforma toda a sua extensão em *plantation*. Desse modo, atua em duas frentes: valorizando a produção monocultural e o controle das fontes energéticas. “O Brasil quer ser os EUA quando crescer [...] plantado de cabo a rabo de soja ou de cana e mamona para o biodiesel. E na costa do país proliferando uma profusão de miamis, bangkoks, puteiros à beira-mar, bandidagem colorida, violência espetacular” (Viveiros de Castro, 2008: 172). Há claramente uma valorização da produção industrial em massa, do *agrobusiness* e para o lazer, nas horas vagas, a valorização do folclore nacional, do patrimônio material e imaterial do Brasil.

Em suma, a política cultural do CMI é, senão antropofágica, canibal. Devora e comercializa identidades. Um exemplo é o programa da TV Globo, “Malhação”, uma espécie de “escola” que revelaria jovens atores. O programa é destinado ao público jovem e o curioso é que o nome do programa mudou, agora é: “Malhação Identidade”. Consumam identidades para aprendermos a viver dentro do “império”¹³⁴ global do CMI. Identidades canibais, *hyppies-yuppies-gaps-hiphops-lounges-emos-rappers* e por aí em diante. Podemos ser tudo ao mesmo tempo, aliás, melhor assim pois compramos e vendemos mais. É o apogeu de todas as contradições.

Como contei antes, fui dar aulas no projeto Guia Cívico. Minhas turmas eram na Cidade de Deus e no Morro do Urubu, em Pilares. No primeiro caso, as aulas eram dentro de uma casa destinada a abrigar os projetos sociais da igreja católica. Toda equipada e arrumada. No segundo caso, o lugar parecia um abrigo de guerra, a qualquer momento a casa poderia vir a baixo. De fato, parte do teto caiu na mesa de uma das alunas que por sorte não se feriu. Não havia quadro negro, as carteiras estavam quebradas e havia uma família de ratos que circulava pelo lugar. O único cômodo arrumado era a sala de informática de Babilônia, repleta de computadores, ar condicionado e sempre cheia. Meus alunos todos tinham celulares modernos, roupas de grife, cordões e penteados da moda. Alguns

¹³⁴ Cf. Negri e Hardt, 2001.

passavam dificuldades financeiras, porém não abriam mão da marca, do rótulo e do equipamento de última geração.

A sociedade do espetáculo parece mediar as relações. Os fluxos de identidades, de desejos, de mercadoria, de emoções, de dinheiro correm soltos e trazem consigo as controvérsias. As questões se abrem, irresolutas, assim como as saídas. Não há uma saída pré-concebida, ao contrário, são linhas de fuga sempre por vir. O povo e a saída faltam, devem ser produzidos a cada circunstância. De todas as formas, é importante ativar o movimento e não freá-lo, colocando as questões em relação – encontrovérsias – ao invés de depositar nossa fé numa vanguarda que mobilize e conscientize as pessoas. Entrar na onda e criar intercessores no apogeu de todas as contradições e, assim, adentrar devires revolucionários, sublevações, motins e zonas autônomas temporárias.

6.9.

A economia, a diversidade e a democracia são já uma política – vamos cair fora!

Sentados confortavelmente na poltrona de casa ou deitados na cama com a TV ligada estamos trabalhando e consumindo incessantemente. Nada é à toa e tudo está sendo vendido. Das roupas e armas dos personagens dos filmes, passando pelos produtos que eles comem e bebem e os lugares a que vão, até os vários modos de existência espetacularizados nos filmes e programas exibidos. Existe uma variedade de *merchandising* escancarada diante de nós que nos impulsiona à labuta mesmo no nosso momento de lazer. Na *internet* não é diferente e basta abrirmos o *Google* ou o *globo.com* para sermos bombardeados por anúncios e propagandas. O objetivo do kapital nômade é tornar-nos consumistas até o limite.

O livro do Comitê Invisível começa com a frase de Deus: “eu sou o que sou”. O que interessa aqui é administrar sua vida e vendê-la bem. O que você é? Cabe salientar que o pós-modernismo fragmentou o indivíduo. Não há mais indivíduo, *self* ou eu como valor transcendente e universal, uma vez que “eu” é

sempre um bando, uma matilha¹³⁵, a fronteira entre multiplicidades. No caso do kapital global, pouco importam questões mais disciplinares ou acadêmicas, interessa, ao contrário, o que as pessoas estão consumindo. Somos “atravessados desde a infância por fluxos” (Comitê Invisível, 2007) e esses fluxos são desejantes. O capitalismo vai à raiz do problema – é radical – e, através de suas máquinas de guerra devora e vende mais e mais.

Estamos diante da ditadura da democracia, da diversidade, das identidades fragmentadas e da ilusão de que quem trabalha será compensado. Andar pelas ruas de uma grande metrópole aumenta nossa estranheza – “somos estrangeiros neste mundo” – num espaço estriado e útil. Vagar sem rumo e desperdiçar energia não fazem parte desse mundo pós-moderno. É preciso ter o que fazer e mais, é imprescindível “tornar-se autônomo, ou seja, arranjar um patrão” (idem). O mantra da atualidade é trabalhe, produza e consuma. Conforme mencionei acima, mesmo em casa, descansando e flanando na TV estamos trabalhando. O Estado compra – contamina – a nossa vida, nossa fidelidade, nosso comprometimento. É uma batalha viral!

Nosso modo de vida presente é o contrário dos hábitos das ordens sufis, como a dos Qalandars que “adotaram uma ‘regra’ de total espontaneidade e abandono – ‘desemprego permanente’ [...] – um ‘cair fora’ ao mesmo tempo escandaloso e tradicional” (Hakim Bey, Superando o Turismo). Os sufis, bem como o poeta japonês do século XVI, Matsuó Bashô, perambulavam por aí, caindo fora, nômades, buscando outras afetividades coletivas distantes do trabalho e da família sedentários. Escancharam o plano das formas, das substâncias e dos sujeitos ao contaminá-lo com esse “desemprego permanente” ou, no caso de Bashô, com sua peregrinação poética: por onde passava, escrevia seus hai-kais e trocava axé com as pessoas que o seguiam ou que o hospedavam.

Os Qalandars, Bashô e o Comitê Invisível estão rompendo com a necessidade “natural” do trabalho que funcionaria como isca do Estado para capturá-lo, forçando-o a trabalhar segundo suas normas. Só há vida dentro da economia, da fragmentação, do consumo de identidades e da lógica da civilização ocidental de *cinemarks*, *jumbos*, *notre dames*, *big bens*, *corcovados*, *iphones*, *tv*s de lcd, *sapucaís*, *sushis* e *avatares*. Mas como viver sem trabalho e sem família?

¹³⁵ Cf. Deleuze e Guattari, 1997.

Faltam conceitos e afetos que potencializem o desemprego permanente, o cair fora, o ato de apenas ficar, pitando seu charuto e cismando sobre a vida. Nomadismos por vir. Os Qalandars, Bashô e o Comitê Invisível negam o Estado através de diferentes estratégias e, com isso, negam o corpo orgânico social e identitário, abrindo-se ao corpo sem órgãos, ao corpo afetivo devindo outros.

6.10.

Alguns motins nômades – informes de sublevações

Que o homem, como o vírus, o gen, a parcela mínima da vida, se realiza numa duplicidade antagônica, – benéfica, maléfica – que traz em si seu caráter conflitual com o mundo (Oswald de Andrade).

Cada roda de capoeira que se montava estabelecia uma linha de fuga às capturas do Estado. Ao invés de travar um conflito contra o Estado, os capoeiristas ativavam outra forma de resistência, menos contrária à norma vigente e mais transversal, obedeciam as regras desobedecendo-as. A capoeira foi gesto corporal rítmico de resistência e será ainda? Não cabe comparar, avaliar, julgar o que é e o que não é. **Diria que é e não é.** É reagente quando funciona e aumenta a potência de ação dos praticantes, em particular dos negros no mundo e não é reagente quando não funciona nem aumenta a potência de ação, quando se deixa seduzir pelos afagos econômicos, culturais ou democráticos. Em geral, funciona e não funciona ao mesmo tempo.

O que interessa não é se escreve projeto para financiamento das políticas de fomento da Petrobrás, da Fundação Ford ou do BID, se é uma iniciativa de esquerda ou de direita. Isto é inevitável – alternativa infernal. O que está em jogo é se as nossas ações desarmam as forças homogeneizadoras e estabilizantes de subjetivação e sociabilidade. Estamos diante de um cenário mais molecular e microcômico do que molar e macrocômico. Os fenômenos e os acontecimentos estão em rede, portanto, é difícil – e até dispensável – setorizar, classificar, julgar e separar cada qual. Há menos solidez e mais fluidez, tudo é menos mecânico ou analógico e mais digital.

No caso do Exército Zapatista de Libertação Nacional que se insurgiu com o “grito da dignidade”, no dia 1º. de janeiro de 1994, a estratégia é ir construindo a própria estratégia. Diz o Subcomandante Marcos: “a única coisa a que nos propusemos foi transformar o mundo, o resto fomos improvisando” (apud Holloway, 1997: 8). O povo falta, está em devir minoritário. Não quer tomar o Estado, isso já seria tornar-se maior. A proposta de Chiapas estaria dentro da definição de Deleuze do que é ser de esquerda hoje em dia. “Trata-se de inventar as jurisprudências em que, para cada caso, tal coisa não será mais possível” (Deleuze, 2005: “gauche”), está em devir, funcionando e/ou não, sendo bom e/ou não conforme cada experiência. A única certeza é escapar da maiorização, pois “a maioria é algo que supõe a existência de um padrão”, será majoritário aquele que atingir um padrão formal e maduro. Na minorização de Deleuze, não há um plano, sistema ou uma moral, transcendentais e universais, que já estejam prontos de antemão, como é o caso dos “Direitos Humanos”. É preciso caçar éticas que se fojem a todo momento, o cosmos é impermanente e está em devir. “Trata-se de criar, não de se fazer aplicar os Direitos Humanos” (idem).

Os zapatistas seguem dois princípios que reforçam o movimento de minorização contra o Estado: “perguntar caminhando” e “mandar obedecendo”. É um movimento que se recria continuamente, que não cessa sua transmutação anti-autoritária. “A revolução avança perguntando, não dizendo; ou quiçá, melhor, a revolução é perguntar em lugar de dizer, é a dissolução das relações de poder” (Holloway, 1997: 9). Encorpara-aglomera-devora ininterruptamente subjetividades e sociabilidades parciais e páticas. Contra o Estado, uma vez que “o que pode existir é um governo favorável a algumas exigências da esquerda, mas não existe governo de esquerda, pois a esquerda não tem nada a ver com governo” (Deleuze, 2005: “gauche”).

Existem ainda os motins nômades que se utilizam da droga ou dos estados alterados de consciência, percepção e afecção. Júlio Ramos¹³⁶ investiga a viagem iniciática de Álvaro de Campos a um “Oriente ao oriente do oriente”, onde busca consolo no ópio, e a de Walter Benjamin a Marselha, onde experimenta os efeitos do haxixe. Em ambos os casos, a viagem é ao encontro com o outro, a alteridade, o estrangeiro na busca criativa por linhas de fuga ao racionalismo ocidental.

¹³⁶ Cf. Ramos, In: Souza e Marques, 2009.

Poderia trazer aqui também a viagem de Antonin Artaud ao México, onde tomou o *peyote* junto aos índios ou ainda a experiência radical de Hélio Oiticica no MAM, onde os passistas da Mangueira incorporaram os parangolés. Estavam à procura de outros modos de saber, de viver e de ser. Cismando sobre a vida, afetados pelo conhecimento lateral, caindo fora dos lares da família estatal, em desemprego permanente, vagando sem rumo. In(ex)surgiram e abalaram as zonas de conforto. Criaram tendas ou esconderijos provisórios de onde espreitaram e atacaram no momento oportuno.

São estes que desterritorializaram-se da modernidade / colonialidade européias para se reterritorializarem na fronteira, na zona portuária, nos jardins do MAM, nas montanhas mexicanas, onde hoje os Chiapas ou as assembléias populares de Oaxaca implodiram os territórios sedentários do Estado e da ciência régia. O corpo, o porto e a droga carregam consigo o anômalo da borda e a produção de um conhecimento em devir dilacerando o corpo orgânico, molar, funcional e formal. Qualquer coisa ou qualquer um, nas viagens mágicas de Artaud ou no jazz extasiante de Walter Benjamin, pode ser sujeito – multiplicidade de sujeitos. Benjamin compõe eticamente com muitos estranhos em seu devir etíope-jazz-haxixe em uma política corpóreo-afetiva; habitando a fronteira, único abrigo para o complô dos anômalos. Transmuta-se como quando o *iyaô* entra em devir-oxalá, que, idoso, caminha curvado e lentamente. “Meu olhar pousou sobre minha mão. Reconheci: era uma mão morena, etíope, e enquanto meus lábios permaneciam severamente fechados (...) negando-se a falar (...) subiu sobre eles, vindo de dentro, um sorriso orgulhoso, africano, sardanápico, o sorriso de um homem que está a ponto de calar o decurso do mundo e todos os destinos” (Benjamin, In: Souza e Marques, 2009: 43).

Criação de outras subjetividades e outras sociabilidades. É preciso aprender a devir – em oposição a ser –, a conhecer, a conviver, a sentir e a perceber. Tornar-se olfático, aprender a ver com olhos livres, a ver com o olhar teofânico – “ver com o ‘olho do coração’” (Bey, a). Olhar por entre os acontecimentos para potencializar o coco, extrair dele a energia e o combustível para seguir o fluxo insurrecional. Estar atento, desperto às outras sensibilidades e às outras cognições. Aprender com elas ao invés de “uma recusa de perceber o inesperado e saborear a miraculosidade do ordinário” (idem). Para isso, é preciso perambular, vagar em desemprego permanente como o dervixismo, cismando

sobre a vida, matutando e aberto ao conhecimento lateral. Curvando-se para devir ou entrar em transe-Oxalá. “Superar em nós mesmos a banal mundaneidade da desatenção cotidiana e nos abrir a ‘estados mais elevados’” (idem).

Olhar transversalmente – olfaticamente – sentindo a terra, a fluidez, a ardência e o movimento. Sem se dar a devida importância, afinal de contas, somos como qualquer um, entregues à errância. A vida erra e ser é devir e devir é entregar-se à magia da errância. Como o Buda disse a Ratthapala: “O mundo é um fluxo contínuo e é impermanente. Algo desaparece, condicionando o aparecimento da próxima série de causa e efeito. Não há uma substância imutável nele. Não há nada por trás que possa ser chamado de *Self* (*Atman*), individualidade ou qualquer coisa que possa na realidade ser chamada de ‘Eu’” (Rahula, 1974: 18). Os motins desestabilizam o *atman*, o eu, mesmo que nosso mundo sofra de uma sede insaciável por identidades – maneiras de ser, de agir e de conviver. Há um medo desesperador do escandaloso, do espontâneo e do surpreendente. O devir revolucionário está em todos os níveis. “Se todo mundo está se tornando unidimensional, nós precisamos olhar entre as dimensões” (Bey, a), olhar com o coração num cosmos que é transdimensional e pluri-versal e não inerte à espera de sua venda ou consumo. Esse olhar enxerga o coração dos viajantes, dos bárbaros tecnicizados que, a todo instante, totemizam os tabus, profanando-os e devolvendo-os ao uso comum. “Nós podemos nos permitir participar, experimentar o mundo como uma relação viva e não como um parque temático. Nós carregamos dentro de nós mesmos os corações dos viajantes” (idem).

Os situacionistas franceses nos anos 50, incorformados com a mesmice de suas vidas, entregaram-se à perambulação sem rumo – *derive* –, ao desemprego permanente, ao conhecimento lateral e à cisma sobre a vida. Erraram ou tornaram a vida uma errância, o que interessava mais eram os trânsitos, as controversias e menos suas vidas pessoais. “Eles estavam enjoados consigo mesmos por nunca deixarem a rotina usual e os caminhos de suas vidas dirigidas pelo hábito [...]. Começaram a desenvolver expedições aleatórias e sem estrutura pela cidade, caminhando durante o dia, bebendo à noite, abrindo seus próprios mundinhos rígidos para a terra incógnita de favelas, subúrbios, jardins e aventuras. [...]. A perambulação sem rumo deles virou uma prática insurrecional” (p. 12). Da mesma maneira, o desemprego permanente, a cisma sobre a vida e o vagar dos zapatistas,

de Benjamin, de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, de Artaud e de Hélio Oiticica criaram seus motins compartilhados pelos seus intercessores. Como um vírus vai revolucionando molecularmente, ora mais imperceptível ora menos. Estão, isso sim, matutando, germinando, aliando-se, informando e combatendo os padrões habituais, formais e maduros, até implodirem uma zona e caírem fora novamente para voltarem a insurgir acolá.

6.11. Desabrigo – seguindo o movimento

E cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita, que um novo potencial nomádico aparece, com reconstituição de um espaço liso ou de uma maneira de estar no espaço como se fosse liso (Gilles Deleuze & Felix Guattari).

Os conflitos atualmente são travados em duas frentes, no próprio campo de batalha e nos meios de comunicação – as mídias tradicionais (jornal, rádio e tv) e a *internet*. O que é vendido, da maneira mais espetacular e sensacional possível, é somente a “verdade dos fatos”, uma maneira única, moralista e verdadeira de ver os problemas. Só há uma resposta e isso significa que ao ligarmos a TV¹³⁷ já fomos capturados. Como quando devolvemos o olhar da onça num encontro na floresta. Por outro lado, se quisermos ativar e suscitar outros acontecimentos, outras epistemes e ontologias precisamos colocar o problema de outra maneira e, principalmente, necessitamos que as pessoas a nossa volta também pensem e se coloquem.

Estamos diante de máquinas de guerra corporativas eficientíssimas que financiam e criam as notícias e os mitos da contemporaneidade. Os meios de comunicação virtualizam as geografias e as histórias que correm em paralelo a elas. Criam um termo universal e transcendente sob o broquel da democracia, dos direitos humanos, da diversidade, do multiculturalismo e do relativismo. Seguem as comparações usando termos conectivos da civilização ocidental. Reforço que isso nada tem a ver com uma crítica à tecnologia ou à importância da ciência e da

¹³⁷ A *internet*, na minha opinião, ainda permite relações transversais.

filosofia ocidentais. Os filmes *Zeitgest* e *Zeitgest Addendum*¹³⁸ indicam que a tecnologia deveria ser usada para que as pessoas melhorassem suas vidas, não para reforçar os conflitos e a desigualdade. O que ocorre inevitavelmente no capitalismo é que a lógica que se impõe não é a do dispêndio, da busca pelo excesso, ao contrário, o que está em jogo é sempre a falta, a escassez. Desse modo, o controle e o fetichismo podem tranquilamente se impor, pois a mercadoria agrega mais valor e os lucros só aumentam.

O controle kapitalista se moleculariza, é também biopolítico. Individualiza o sujeito para enfraquecê-lo, aquele que não se protege pode ser capturado e enfeitado. Foi o que aconteceu ao personagem de “São Marcos”¹³⁹ que, nutrindo uma enorme incredulidade e desprezo pelas mandingas, acabou ficando só e vulnerável. Assim, foi enfeitado por João Mangolô. A profusão, com a Nova Era, de terapias alternativas, acupunturas, florais, fitoterapias, iogas, meditações ressoam a paranóia individual, o pavor da solidão e da anulação. Ao invés de buscar agenciamentos coletivos com humanos e não humanos que sejam afetados e estejam enfraquecidos como “eu”, esforço-me para individualizar, para ter uma história pessoal maravilhosa e orgulhosa. E isso só reforça o kapital e a individualização sem propor um outro modo de convivência.

Em suma, hoje o que está em jogo são menos as oposições fixas, molares e totalizantes (as classes, as séries, as substâncias, as essências) e mais o combate entre, as contaminações moleculares. Entre o uno e o múltiplo não há um terceiro termo – universal e transcendental –, há a multidão, a diferenciação e a relação. Todo pensamento, bem como as percepções, sensações e os afetos são relacionais, interdependentes e impermanentes. Só na relação com o outro agenciamos territórios e suscitamos acontecimentos. A construção é contínua e sempre por vir. E isso serve aos dois lados da moeda, tanto às máquinas de guerra corporativas quanto às máquinas de guerra amotinadas. O que muda é a ênfase e a intensidade. A primeira compra e vende tudo e todos, incorpora-aglomera-devora epistemes e

¹³⁸ Disponível para *download* na *internet* ou para assistir *online*. O filme faz uma análise da civilização ocidental desde a recriação da vida de Jesus Cristo pelos fundadores da Igreja Católica, ponto crucial para, primeiro, a hegemonia cristã e, depois, na modernidade, a civilização ocidental prosperar e se impor. Ambos os filmes trazem uma excelente análise do funcionamento do capitalismo e como ele vai se impondo. No segundo filme, em particular, membros da Fundação Vênus defendem a tecnologia sustentável como alternativa. Para este grupo, já teríamos tecnologia suficiente para todos os seres do planeta viverem com conforto e, ainda, respeitando o meio ambiente.

¹³⁹ Cf. Guimarães Rosa, 1967: p. 221-51.

ontologias como política sócio-cultural, para lucrar mais e mais, para reforçar multiculturalismo e democracia como valor único, transcendente e universal. Enquanto isso, a segunda, enfatiza o dispêndio, as sublevações nômades e antiautoritárias, a incorporação-aglomeração-devoração entre diferentes e múltiplas epistemes e ontologias, a contaminação de estados alterados de consciência, sempre em devir outro e menor.